

Covid-19 e volta às aulas presenciais

A pandemia de covid-19 já ceifou a vida de mais de 115.000 brasileiros e colocou o nosso país em segundo lugar no *ranking* mundial de casos e mortes dela decorrentes, superado apenas pelos Estados Unidos. Desde seu início, assistimos à queda de dois Ministros da Saúde e observamos, atônitos, a condução de forma interina da pasta, a partir de meados de maio. A ausência de titular capaz de planejar e executar políticas de saúde pública em um contexto tão alarmante é apenas um dos indicativos das omissões e condução ineficaz da enorme crise instaurada no Brasil. A crise sanitária pegou de chofre a educação básica e superior, obrigadas a migrar de forma apressada e, na maioria das vezes, atabalhoada, para modelos a distância.

Provavelmente, os olhos que deslizam por este texto pertencem a educadores que presenciaram, em um primeiro momento, a suspensão de aulas em escolas e universidades e se viram, na sequência, confrontados com obstáculos que não foram preparados para vencer de imediato. De fato, muitos precisaram aprender, em tempo exíguo, a utilizar plataformas digitais, a produzir materiais didáticos adaptados a elas, a gravar videoaulas e a realizar o processo avaliativo dos estudantes a distância. O fato da Educação a Distância (EaD) trazer em seu bojo a potencialidade para acentuar desigualdades também tem sido motivo de angústia para a comunidade docente, que se pergunta como lidar com o alunado que padece com a falta de recursos imprescindíveis para uma EaD efetiva, tais como internet de boa qualidade, computadores e aparelhos de telefonia móvel.

São profundas e tocantes as marcas deixadas pela pandemia no cenário educacional e, no momento atual, quando se discute a volta às aulas presenciais, cabem reflexões sobre como melhorar o aprendizado no período pós-pandemia. Infelizmente, o golpe sofrido pela economia global assegura um período amargo de recessão econômica, quando as desigualdades serão ainda mais exacerbadas, correndo-se o risco de reversão de progressos já obtidos que levaram a uma melhor formação dos nossos estudantes. Logo, políticas voltadas especificamente para a educação se fazem ainda mais necessárias e precisamos reivindicá-las. Servem para subsidiar tais reivindicações estudos fidedignos que apontam a necessidade de ações contundentes de apoio voltadas principalmente aos jovens e às crianças com grande tendência à evasão, assim como àquelas cujas famílias estão em situação de alta vulnerabilidade social. Ademais, tendo em vista a perda de renda de um número considerável de pais e responsáveis pelos estudantes, o suporte financeiro não pode ser esquecido no que diz respeito à alimentação e transporte, para que os alunos tenham condições de regressar à sala de aula.

Do ponto de vista pedagógico, no retorno às aulas será fundamental o estabelecimento de ações de acompanhamento que se mostrem viáveis na identificação daqueles que mais precisam de ajuda para superar a defasagem de aprendizagem. A avaliação sobre a possibilidade de manutenção de algumas das práticas remotas incorporadas à rotina escolar no período de

distanciamento social também será promissora, especialmente em se tratando das que colocaram os estudantes em condição de protagonismo. Enfim, reduzir os prejuízos devido à pandemia e fazer com que o engajamento nos estudos seja retomado será um desafio completamente novo para os educadores que, seguramente, será vencido, pois a capacidade que possuem de fazer malabarismos na defesa dessa causa está sendo provada e comprovada em cada dia desses tempos difíceis que vivenciamos.

É na perspectiva de contribuir para que a vida de cada um de nós, nas nossas respectivas salas de aula, seja mais suave na nova etapa que se aproxima que *Química Nova na Escola* traz neste número artigos com temáticas atuais e abordagens de ensino inovadoras. A questão étnico-racial, que vem ocupando manchetes em veículo de comunicação do mundo inteiro desde o final de maio, após a morte do afro-americano George Floyd, está presente em três artigos: o primeiro apresenta os resultados de uma experiência na formação inicial de professores de química relacionada à implementação de iniciativas didáticas pautadas na lei 10.639/2003 (“Propostas de ensino de química focadas nas questões étnico-raciais: uma experiência na licenciatura e seus desdobramentos para o nível médio”), enquanto o segundo discute possibilidades de associação entre o ensino de química e a educação escolar quilombola (“Quente e frio: sobre a educação escolar quilombola e o ensino de química”) e o terceiro enfatiza elementos de transformação científica e social presentes na culinária brasileira (“A comida como prática social: sobre africanidades no ensino de química”).

Relatos de atividades didáticas concretizadas com base nas tecnologias de informação e comunicação compõem o leque de assuntos da revista (“A química do petróleo: a utilização de vídeos para o ensino de química no nível médio” e “A ciência e os esportes: explorando a aerodinâmica com o auxílio artístico de nanoPutianos por meio de tirinhas”), assim como o ensino com base na aplicação de jogos (“Jogo pedagógico para o ensino de termoquímica em turmas de educação de jovens e adultos” e “*Minerópolis*: uma proposta de atividade lúdica para o estudo do potencial mineral do Brasil no ensino médio”) e de textos de divulgação científica (“Abordagem do tema biocombustíveis no ensino médio: textos de divulgação científica em foco”).

Por fim, o entendimento de estudantes da educação básica sobre a natureza da ciência, que tem sido exaustivamente abordado por pesquisadores da área de educação, dada a sua importância, é discutido no artigo “O teatro de temática científica em foco: impactos de uma intervenção didático-pedagógica nas visões distorcidas de alunos do ensino médio sobre a natureza da ciência”.

Desejamos que esta edição de *QNEsc* encontre todos os leitores com saúde. Cuidem-se bem!

Paulo Alves Porto
Salette Linhares Queiroz
Editores de *QNEsc*